

Revolução Socialista

**Jornal
Posadista**

Continuação do
Jornal
Frente Operária,
fundado em 1953

“A vida não tem sentido sem a luta pelo socialismo” J. Posadas - Ano 06 - Nº 15 - Junho de 2005

Editorial

O triste espetáculo representado por Roberto Jefferson, e pela instauração das CPIs dos Correios e do IRB, constituem apenas uma enorme cortina de fumaça para acobertar os mais graves crimes e a verdadeira corrupção contra o povo brasileiro, que é a continuidade das políticas neoliberais. No máximo, representam o maneira de enfraquecer uma hipotética e já improvável “guinada à esquerda” do Governo Lula, talvez pressionado pelos acontecimentos pré-revolucionários a nível continental, que os fatos da Bolívia demonstram com eloquência.

Os escândalos de denúncias de corrupção desencadeados pela grande mídia representam apenas um episódio, embora significativo, da luta pelo poder que vai se tornar mais acirrada, na qual as elites tentarão retomar o controle total da situação que possuíam no governo de FHC.

Apontam para a capitulação completa de Lula que, desvencilhando-se do PT ou da sua ala esquerda, tornar-se-ia definitivamente refém e instrumento da dominação do grande capital, que aliás, não chora nem protesta: a política econômica concentracionista



Foto: Marcello Casal Jr/ABr.

Brasília - Deputado Roberto Jefferson (PTB/RJ) depõe no Conselho de Ética da Câmara: Denúncias de corrupção não alteram a substância da política econômica neoliberal.

vai muito bem, obrigado. Na realidade, o objetivo desta maquinação é justamente fazer com que Lula se torne, irreversivelmente, refém da política neoliberal. Os ventos revolucionários que sopram da América Latina indicam que é preciso percorrer outro caminho, e que os povos não vão esperar eternamente pelas mudanças. Isto preocupa o imperialismo, e o seu representante mais importante neste momento é o próprio Fernando Henrique Cardoso, que já afirmou publicamente que “Bush deveria preocupar-se mais com a

América Latina”. Por isso não seria surpreendente que o grande articulador desta onda de escândalos fosse ele mesmo.

Os movimentos populares podem e devem reagir: a luta ainda não acabou, e existe uma percepção popular de que os acusadores de hoje, são os bandidos de sempre. Mas não há defesa possível do governo Lula se a atual política econômica continuar. Este é o centro, é o eixo do problema: nenhuma campanha moralista e pela “ética na política” tem futuro se não se analisa o que é corrupção, SE um punhado de mi-

lhões distribuídos aos partidos OU os R\$182 bilhões pagos regularmente aos agiotes nacionais e internacionais por meio da conta de juros. Ou a privatização da Vale do Rio Doce, por “doços” R\$100 milhões para um patrimônio estimado em alguns trilhões.

Antes de entrar na fria análise dos fracassos acumulados pelo PT, é preciso lembrar, que apesar de todos eles, houve uma tentativa de por um freio a certos processos privatizantes, de aprimorar a máquina do Estado, de aumentar

Continua na página 02

A derrota da política de conciliação de classe

Foto: José Cruz/ABr.



A derrota de José Dirceu, do governo Lula e do PT com a saída de José Dirceu da Casa Civil é a derrota da política de conciliação de classes empreendida com energia pelo próprio Ministro e pela alta direção do PT.

Jogou-se com soltura no campo do adversário, utilizando seus métodos, costumes e artimanhas. Transformou-se o governo numa máquina de tecer acordos de governabilidade, beirando ou extrapolando com frequência os limites da ética petista e da legalidade burguesa. O pragmatismo, a visão de um “preço a pagar” pelo controle da máquina Estatal e governamental, ocuparam o espaço do que deveria ter sido o legítimo exercício do mandato popular, que propugnava por mudanças, mobilizando a cidadania, pressionando o Estado, impondo conquistas a nível da sociedade, exercendo pressão de baixo para cima, que teria sido a função natural de um partido de bases populares como o PT. Assim não foi.

Continua na página 11

**Manifesto do
Primeiro de Maio**

página 04

**A revolução
permanente**

página 06

**O triunfo eleitoral
no Uruguai**

página 08

**As eleições
no Irã**

página 12

J. Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



Expediente

“Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT – Regulamentada junto ao Diretório Nacional
Continuação do Jornal “Frente Operária”, fundado em 1953.

Diretor Responsável :
C. Almeida – Reg. Prof. 049/SP

E-mail:
revolucaosocialista@samerica.com
Página Web:
www.revolucaosocialista.cjb.net

Correspondências :
Caixa Postal 3516 Cep 70084-970
Brasília DF



Foto: Valter Campanato/ABR.

Brasília - Manifestação dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST), na Esplanada dos Ministérios. Em 17 de maio, após caminhar mais de 230 quilômetros, os 12 mil trabalhadores e trabalhadoras que participaram da Marcha Nacional pela Reforma Agrária encerraram sua mobilização em Brasília (DF). Ainda esperam o cumprimento das promessas do Governo.

alguns direitos sociais, de manter uma política externa soberana. O governo de Lula, apesar das semelhanças com os de FHC pela política econômica, não é o mesmo que o anterior.

Ele nasce de um pacto com os eleitores, para uma mudança e transformação do país. Nasce também de uma concessão obrigada e transitória das elites, incapazes de manter os mesmos mecanismos de opressão da era FHC, acossadas pelos fracassos acumulados pelo neoliberalismo, assustadas pela maré montante da insatisfação popular.

A dose exagerada de neoliberalismo estava literalmente sufocando o País, mesmo do ponto de vista econômico.

A eleição de Lula representa uma válvula de escape

para esta situação: abre-se uma janela, espera-se pela oxigenação, pelas mudanças, há uma pacificação.

Mas imediatamente, a equipe montada mostra a que veio: ao incluir Henrique Meirelles numa instituição como o Banco Central, e compor a equipe econômica sob a hegemonia da ala mais convertida ao neoliberalismo do PT, mantendo os pontos fundamentais da política econômica precedente, estava sinalizando que transformações sociais não ocorreriam.

O programa historicamente defendido pelo PT havia sido definitivamente arquivado, pelo menos para a cúpula petista.

Coberto com o manto do “Fome Zero” e algumas relevantes promessas sociais, o governo dedicou-se, na realidade, a tentar consolidar o novo pacto com as elites: con-

tendo a insatisfação popular, realizar o sonho neoliberal por inteiro. Afinal este sempre foi o argumento dos liberais: só o mercado “pleno” só o laissez-faire levado às últimas, pode realizar o sonho de prosperidade. Daí, a apontar no crescimento do PIB, no pagamento da dívida, na manutenção da política de juros para atrair capitais, consolidar o quadro legal privatizante (PPPs, concessões rodoviárias, licitações de áreas petrolíferas incluídas), bater no sistema de seguridade social, etc. etc. foi só um pulo.

O Ministro Palocci costumava dizer que o Brasil era um Titanic que não podia dar cavalo-de-pau. Na verdade, não tinha a menor intenção de inverter o rumo, e como o Titanic, prosseguiu impávido na direção do iceberg.

Algumas contas devem ser feitas: Conforme o prof. Benayon, ilustre economista, em 2004 foram pagos 182 bilhões de Reais em juros, só pelo setor público aos “investidores” e detentores de títulos públicos.

O setor privado teve que gastar 120 bilhões, pelas taxas “normais” praticadas pelo mercado, incluindo-se aí o consumo popular, maior vítima da agiotagem. No total, 302 bilhões, ou seja, 17% do PIB dedicados a pagar juros. Não estamos incluindo na lista as remessas de lucros ao exterior (legais e ilegais, de ontem e de hoje, estimadas, só na CPI do Banestado, em US\$300 bilhões), a exploração da mão-de-obra via o decréscimo da massa salarial relativa ao PIB, o preço incalculável da continuidade dos estragos ambien-

tais (24 mil quilômetros quadrados de floresta amazônica destruídos em um ano), o custo histórico e aberrante das privatizações, das licitações de lotes petrolíferos aos estrangeiros, da falência dos projetos de cunho social.

Tudo isso é o custo do “mágico” desenvolvimento de 5% do PIB. Ao contrário do que afirmam os aprendizes de feiticeiro, não há sustentabilidade nisso. A prova dos fatos é a previsão de um crescimento de 3,5% este ano, inferior a todos os outros países em desenvolvimento. Mas antes de permitir que sejam atropelados pela própria credence, e fiquem expostos à ira popular, já que ventos bem quentes sopram do Equador, da Venezuela e da Bolívia, eis que as elites fazem manobras evidentes para retomar o controle da situação.



Foto: Valter Campanato/ABr.

Manifestação do MST em Brasília

Este é o significado do “escândalo” divulgado pela Revista Veja, com relação à corrupção do PTB nas estatais, nas suas relações incestuosas com o governo Lula, e agora, as “bombas” de Roberto Jefferson.

Jogar com força a carta do moralismo visa enfraquecer o governo Lula e preparar o terreno para uma nova alternativa neoliberal, qualquer que seja ela. Até mesmo um Lula-bis enfraquecido, mais dependente ainda das alianças e acordos espúrios em nome da “governabilidade”, estaria em cogitação. Refém, como está já, dos “aliados” do PMDB e do PTB e outras forças menores. Resta saber até quando o PT vai continuar neste lento suicídio. Já afirmamos nestas páginas e reiteramos: o ponto de não-retorno já foi superado.

As medidas agora só podem ser emergenciais: cumprir o pacto recém-firmado com o MST, demolir o ministério neoliberal, refazer o pacto com as massas, os trabalhadores, a sociedade, romper com as políticas do FMI, auditar a dívida, interromper já

a política de juros suicida, aplicar com vigor os projetos sociais. Caso contrário, entre escândalos e queda de popularidade do Presidente, as elites, com os seus interesses vitais preservados, vão golpear nos rins, nas partes baixas, até a rendição e a lona.

O bom-senso nos diz que é preciso preparar linhas de defesa bem reforçadas, porque a alternativa ao governo Lula poderá ser bem pior. Se há eleições, que venham. Mas enquanto há tempo, há que tentar reverter as forças internas da esquerda, dos nacionalistas, dos setores religiosos progressistas, dos intelectuais e petistas não-cooptados que não agüentam mais (a postura do Senador Suplicy é emblemática), dos movimentos sociais, dos outros partidos da esquerda que se opõem ao governo, para propor e insistir numa alternativa, por mais desesperada que possa parecer.

Na realidade, não o é, e os processos na Bolívia, no Equador, na Argentina e na Venezuela o estão demonstrando: há um vento revolucionário na América Latina,



O Comandante Hugo Chávez planta muda em assentamento do MST, em sua visita ao V Forum Social Mundial de Porto Alegre.

não há que permitir que os neoliberais levantem novamente a cabeça.

Se preciso for, é preciso “cortar na carne” sim, no Governo, no PT, para salvar a dignidade nacional, a esperança, a vontade de transformação que o povo brasileiro ainda exprime com paciência e indignação ao mesmo tempo, mas para que isto tudo seja verdadeiro é preciso mudar a política econômica.

Qualquer “moralização” que não faça a Reforma Agrária e inicie um processo real de distribuição da renda, seria uma nova farsa intolerável.

Continuação da página 05

Os movimentos de centro-esquerda que se preparam para governar, como na Itália, correm o risco de enfrentar crises imediatas se mantiverem o respeito por estas cláusulas: é preciso elaborar um plano de investimentos e de desenvolvimento industrial por objetivos comuns. Com a competitividade e a concorrência não se constrói uma Europa unificada, ao contrário, aumenta a distância entre os países mais ricos e os mais pobres, aumentando a área de pobreza do conjunto das massas.

É preciso propor estatizações sob controle operário e popular de todas as grandes empresas capitalistas da Europa e dos bancos e um planejamento econômico, convertendo a produção em função das necessidades das massas, com a participação do movimento operário no controle e elaboração de planos para desenvolver os países e contribuir para o desenvolvimento dos países mais pobres. A fábrica que esteja sob ameaça de transferência deve ser ocupada e colocada em funcionamento sob o controle dos trabalhadores e dos sindicatos. A única Europa unificada possível é a Europa Socialista. Chamamos a rechaçar a Carta Constitucional europeia e à mobilização por uma Europa Unida baseada num planejamento da economia e na generalização das conquistas e dos direitos sociais.

É preciso fazer uma campanha mundial em apoio à luta e à resistência do povo iraquiano, para impor a retirada das forças de ocupação do Iraque. A farsa eleitoral deixou a nu, mais uma vez, o fracasso e a derrota americana no Iraque. A três anos do início da guerra, os Estados Unidos não conseguiram sair do seu isolamento

internacional, não conseguem promover o acordo entre quatro fantoches para formar um governo, e tampouco continuar com a expansão da agressão prome-tida (Irã, Síria, Coréia, Cuba, etc.).

Chamamos à constituição de uma Frente Única mundial antiimperialista contra a guerra, pela expulsão do exército israelense do território palestino e construção de uma Federação dos países do Oriente Médio, incluindo Israel, com governos progressistas, leigos, que se proponham a desenvolver os recursos petrolíferos e econômicos em função das necessidades das populações. As únicas “fronteiras seguras” são as que serão eliminadas com a construção do socialismo.

Há uma efervescência das lutas das massas árabes como nas recentes eleições palestinas. Com a afirmação do movimento de Mustafá Barguti reforçou-se a tendência que quer dar programa e política à luta armada; enorme importância tiveram, no Líbano, as manifestações de centenas de milhares contra a retirada dos sírios e no Irã, contra as ameaças e agressões dos norte-americanos.

O mundo move-se como uma gigantesca Frente Única Mundial antiimperialista, as direções políticas, os movimentos devem preenchê-lo de conteúdo, de programa e política e de uma intensa participação das massas.

Os futuros fóruns mundiais devem passar a discutir as experiências revolucionárias concretas dos Estados operários, lançar-se a atuar como uma Internacional mundial que se prepare para derrotar o poder imperialista e conter os prejuízos que este está causando a todo o mundo.

IV Internacional Posadista

Manifesto de Primeiro de Maio da IV Internacional Posadista

Neste primeiro de Maio de 2005, as massas lutam de mil formas para manter o caminho da transformação socialista do mundo. Há um enorme crescimento das lutas das massas e progresso dos processos revolucionários. Frente a este processo, que escapa em muitos países do controle do sistema capitalista, como no Iraque e no Afeganistão, este continua com fúria e desespero a preparação da guerra global, incluindo todos os meios, que podem chegar às armas atômicas, químicas e biológicas. As massas do mundo demonstram vigor e decisão para conquistar o “outro mundo possível”. Com sua ação estão formando novos quadros, direções, programas e políticas. Apesar da continuidade da crise de muitas direções sindicais e políticas, forjam-se novos movimentos e direções como a de Hugo Chavez e do movimento bolivariano da Venezuela, dos movimentos populares do Equador e da Bolívia, a esquerda retoma a iniciativa nos países do Leste Europeu, direções como Cuba avançam com audácia interna e externamente mobilizando milhões contra o imperialismo e buscando a extensão da revolução, e o vínculo com as lutas antiimperialistas a nível mundial.

As mudanças da correlação de forças atingem todo o mundo, da América Latina ao Oriente Médio, da Ásia à Europa capitalista e os Estados Unidos, até os países que formavam parte do sistema



Foto: Oswaldo Burgos/Prensa Latina

Mineiros bolivianos marcham pelo centro de La Paz, levando consigo pequenas cargas de dinamite.

socialista. Na Venezuela a “revolução bolivariana” surge como um centro de luta antiimperialista, mobiliza e agita todo o Continente, atua com inteligência e ductilidade ao recuperar as mais altas tradições revolucionárias e as idéias socialistas. Os recursos econômicos ao serviço das massas, toda a cultura, o conhecimento, a saúde e a educação ao serviço do povo, plena participação e iniciativa social. Neste Primeiro de Maio chamamos a uma campanha internacional em defesa da revolução venezuelana e de Cuba, a enviar brigadas internacionais de solidariedade, cooperação e apoio. Novamente, e em curto prazo, o povo do Equador derruba, com a mobilização popular direta, um presidente que passou abertamente para o campo da reação e do imperialismo: dolarizou o país e o entregou nas mãos das multinacionais, submetendo as massas à fome e à miséria. Os operários, camponeses, estudantes e indígenas do Equador demons-

tram novamente a resolução e a capacidade de romper com a dependência do FMI e do Banco Mundial para somar-se ao vento de libertação que está mudando toda a América Latina. Cai um presidente, Gutierrez, e outro agarra-se ao que pode, como Mesa, o boliviano; na Nicarágua a rebelião popular põe em xeque o governo conservador. O Brasil, a Argentina e o Uruguai unem-se com a Venezuela e aumenta a resistência à influência dos EUA, a formação da Comunidade Sul-Americana de Nações. A Venezuela prepara a sua defesa aberta e publicamente: “somos pacíficos, mas não deixaremos que derrotem a nossa revolução”. A decisão de comprar cem mil fuzis russos e construir um exército popular de 2,5 milhões de homens e criação em comum de empresas estatais e todas as novas formas de colaboração entre estes países, objetivamente lançam as bases para uma Aliança antiimperialista poderosa. .

Não somente a ALCA foi arquivada, mas o governo

norte-americano corre de um lado para outro para dedicar-se pessoalmente a salvar os governos reacionários. Com toda a sua ingerência no Equador, não conseguiu garantir o êxito da reação. Tenta endurecer a política de governos como o da Bolívia, mas a luta das massas em defesa dos recursos naturais, contra a rapina das multinacionais, encurralam o governo Mesa (e terminaram por derrotá-lo - NR). Setores das burguesias latino-americanas pressentem que não há outra saída para a própria sobrevivência, sem enfrentar a prepotência norte-americana: nem mesmo a Colômbia e o Chile querem ficar fora do processo de unificação que compreende os países do Mercosul, da Venezuela e de Cuba.

Os Estados Unidos não conseguem impor o novo secretário da OEA, o que antes era um ato administrativo normal, decidido em Washington. Já não se admite mais isto. Tampouco encontram um país para que apresente oficialmente a condenação anual ritual contra Cuba na comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, com relação à suposta falta de “direitos democráticos”: tiveram que fazê-lo em primeira pessoa para garantir o apoio da União Européia. Cuba dá uma resposta digna, não renega os objetivos socialistas da revolução e rechaça a “ajuda” européia. Com o intercâmbio de petróleo por educação, saúde e capaci-

tação militar que faz com a Venezuela, pode rechaçar a chantagem da “ajuda humanitária” dos grandes países capitalistas. Assediado, o imperialismo se prepara para estender a guerra à todo o mundo. O faz “clandestinamente” como dizia J. Posadas. Disfarçado de “anti-terrorista” e “libertador”, guerreia sem quartel para, na realidade, salvar desesperadamente o regime da propriedade privada e, sobretudo, os privilégios deste regime nos Estados Unidos. Em resposta, a Venezuela prepara mulheres vai afirmar as conquistas revolucionárias bolivarianas e vai estimular mais forças e energias na América Latina e no mundo.

No início dos anos 90, o sistema capitalista se gabava de haver derrotado os países “socialistas” e de ter imposto a eles a sua própria hegemonia. Não se entende porquê, se realmente domina todo o mundo, os Estados Unidos desloquem recursos, armas e soldados para tentar conter os prejuízos e consertar as rachaduras que se abrem como consequência do fracasso social, econômico e político do regime da propriedade privada, da globalização e do neoliberalismo. As forças que estruturaram o Estado operário, tornam a rebelar-se e a reorganizar-se na ex-União Soviética e na Europa do Leste, na China e também no resto do Continente asiático. São elas que impõem as re-nacionalizações de empresas na Rússia; a defesa do território historicamente definido

pela estrutura dos Estados operários; clamam pela reconstrução da URSS; da mesma maneira, impõem a formação de novas alianças e acordos econômicos e militares, inclusive com os países do chamado terceiro mundo.

Bush é a imagem da solidão e loucura que assaltam as classes dominantes do mundo inteiro. Por isso termina ajoelhado frente ao cadáver do Papa. A espetacularização da morte do Papa e o exagero sobre o número de participantes nos funerais, é outro exemplo bem demonstrativo da crise social. Compareceram os principais representantes políticos do mundo, mesmo aqueles que mais o haviam contestado e desaprovado. A figura do Papa, sobretudo morto, é utilizada pela mídia com o fim de preencher o vácuo de direção mundial do sistema capitalista. O Papa ocupou o espaço histórico que se havia aberto pela crise da URSS e dos demais Estados Operários, em nome do sistema capitalista. Naquelas circunstâncias, Woytilla pôde manter uma certa autoridade frente às massas. Mas nesta fase atual, ele já havia esgotado tal representação; já em sua visita a Cuba teve que render-se frente à potência social do Estado operário.

Resta ao sistema capitalista, como únicos instrumentos para tentar sobreviver, a agressão e a guerra. A guerra contra os povos que protestam, pelo domínio de posições estratégicas em todo o mundo (sobretudo quanto aos Estados operários passados, presentes e futuros), e a guerra também como meio para regular as relações entre as próprias potências imperialistas. O novo Papa, seu passado nazista e seu empenho contra as correntes de esquerda da Igreja, representa

uma intenção de alinhar a Igreja Católica com a política reacionária do capitalismo, e é uma das razões da visita do Bush a Roma. Esta intenção vai encontrar uma resistência muito grande das massas católicas que constroem sua segurança e confiança nas lutas pela transformação da sociedade.

Os acordos da China com os países latino-americanos, de Cuba até a Argentina, dão estabilidade ao processo de mudanças e permitem avançar na programação comum da economia, na exploração dos recursos naturais e, conseqüentemente, no progresso social, cultural e político das massas..

O capitalismo mundial tenta mostrar o progresso chinês como resultado da adoção de seu modo de produzir: com o investimento e o estímulo privado. O que incomoda é que este desenvolvimento chinês pelo mundo não se dá difundindo e estendendo o mercado e as relações capitalistas, mas formas de atuação que limitam as influências das multinacionais e estimulam o planejamento e acordos fora dos ditames do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio. Desta forma, os acordos com a Rússia, com o Irã, Cuba, Índia e América Latina, reforçam o processo de frente mundial antiimperialista.

Os Estados Unidos tendem a perder espaços, estão sob pressão e preparam agressões reacionárias. Sequer aceitam uma política burguesa, como a que leva adiante o governo espanhol. Este, mesmo contrariando os norte-americanos, tenta ampliar as relações com as burguesias latino-americanas. As pressões que tentaram exercer contra a recente Conferência América do Sul-Países árabes, não tiveram resultado.

As massas norte-americanas têm elevado sua capacidade de luta e de organização. A recente eleição de Bush foi resultado de uma operação de chantagem e pressão sobre a classe média acomodada e rica: “ou me apóiam, ou desmorona tudo”. Além da chantagem, os republicanos aplicaram também a dose “normal” de fraude eleitoral, que a direção democrática não estava disposta a denunciar.

Bush é a imagem da solidão e loucura que assaltam as classes dominantes do mundo inteiro

O povo norte-americano continua promovendo a criação de círculos, movimentos, uma infinidade de iniciativas nas quais mostra a sua reprovação à política reacionária do Governo Bush, que não se intimida pela militarização do país, e a crescente restrição aos direitos democráticos. Outros canais de expressão - muito além da tradicional votação no Partido Democrático - estão sendo estruturados. Como na guerra do Vietnã, o “retorno” da ação criminosa no Iraque e no Afeganistão, e da falsa guerra contra o “terrorismo” vai produzir efeitos. Mas, além disso, vai chegar a poderosa influência da Venezuela e da América Latina.

No outro Continente, a unificação capitalista da Europa revela-se um fracasso

completo: não só aumentaram as diferenças entre os países da União com o ingresso dos novos membros do Leste, mas além disso abriu-se um processo de concentração interna que está produzindo um retrocesso em países como a Itália, a Espanha e Portugal. A burguesia pretende que exista competitividade a todo custo, por meio da superexploração dos operários europeus e estrangeiros, a precarização das relações trabalhistas e sociais, que reina soberana tanto nas nações mais ricas quanto nas mais pobres da Velha Europa. Explica-se então que somente 25% dos cidadãos com direito a voto na Espanha tenham dito “sim” à nova Constituição europeia. Na França, é pouco provável que o “sim” possa triunfar no plebiscito de maio; o suecos e os holandeses também inclinam-se pelo rechaço.

A “deslocalização” com a qual a burguesia europeia transfere parte importante da produção industrial para países com custo de mão-de-obra inferior e sem qualquer tipo de contrato sindical, é a expressão da profundidade da crise do capitalismo. A burguesia não tem futuro, não constrói relações, mercado, ideologia. Nada disso lhe serve mais. O único futuro é a guerra. Com a “deslocalização” a burguesia serra o pavimento sobre o qual se apóia. Frente a tal crise social, a social-democracia entra num processo de implosão, devido à impossibilidade de propor alternativas válidas. Abandonada, por ser improponível, a política de “concertação” entre o movimento operário e a burguesia, a social-democracia tenta moderar os aspectos mais brutais do sistema capitalista, aceitando de todas as maneiras o

dogma da competitividade e passando a considerar “obstáculos” o sindicato e os mais elementares direitos sociais. Blair e Schroöder, finalmente, jogam a máscara; cresce a oposição ao New Labour e à Social-democracia alemã.

A luta das massas acelera a crise das direções social-democratas e de centro-esquerda. Os progressos eleitorais não são o produto de sua iniciativa ou capacidade, que não existem, mas expressam uma potencialidade das massas, adquirida nas lutas sociais, nas greves e protestos contra a guerra imperialista. As recentes eleições na Itália, nesse sentido, representaram um golpe muito duro ao governo de direita, mais de dois milhões de votos passaram de um pólo ao outro, a aliança de centro-esquerda passa a governar a maioria das Regiões italianas. Somente duas ficaram nas mãos da direita, e na Puglia, no sul do país, triunfou o candidato do Partido da Refundação Comunista.

É necessário unificar, na Europa e em todo o mundo, os movimentos que nos últimos anos deram provas de decisão, de vontade de combate e originalidade programática. Os sindicatos europeus devem buscar uma centralização para levar a luta contra a Bolkestein e as demais regras que tentam impor um retrocesso nas conquistas sindicais. A unificação sindical requer colocar na ordem do dia a questão da derrubada do sistema capitalista. As direções sindicais devem rechaçar os discursos de competitividade, do “saneamento” dos balanços estatais, que são a conseqüência do fundamentalismo dos parâmetros de Maastrich.

Continua na página 03

O magnetismo da Revolução Permanente (*)

por Célia Hart (**)

A ilha do renascentista Tomás Moro é inalcançável. Felizmente, vivemos num mundo que não deixará de ser aperfeiçoável e nós, os seres humanos, somos as criaturas mais inconformadas sob os raios do sol. Mas a utopia continuará sendo indispensável para modificar a realidade, e ela existirá somente como motor propulsor da justiça. Segundo José Ingenieros, é uma mola misteriosa. Além disso, é uma brasa incandescente sagrada, e inclusive, se perdes esta mola, te convertes em pura bazófia humana. A humanidade necessita acima de tudo criar sistemas de molas que indiquem aproximadamente a mesma direção para poder chegar a bom porto.

A semelhança mais elementar que encontro é o magnetismo. Nos materiais denominados ferromagnéticos ocorre uma forma especial de interação entre os átomos adjacentes chamada: acoplamento por intercâmbio. Ao aplicar um campo magnético externo, os átomos se orientam na direção desse campo. Ao retirar o campo ordenador, o sistema que fica imantado com um ferromagnetismo permanente (os ímãs permanentes, por exemplo). Se a temperatura se eleva acima de certo valor chamado temperatura de Curie, o acoplamento desaparece. O ferro-magnetismo é um estado “ordenado”. A entropia diminui. Os parâmetros fundamentais são: o campo magnético aplicado, a magnetização que alcança o sistema e a temperatura que faz com que o sistema tenda à desordem.

Na sociedade devemos lo-

grar encontrar um campo suficientemente grande para acoplar nossos “átomos” e ter uma magnetização permanente, alcançando um evento coletivo e internacional, tal como os átomos no seu reduzido mundo do ímã, lutando sempre contra a temperatura que desordena. É muito simples. Além disso, nem todos os elementos da tabela periódica estão dispostos a orientar-se

por mais campo que lhe apliquemos, ou por mais que abaixemos a temperatura. Existem os para-magnéticos, os diamagnéticos, etc... átomos que não concorrem no ferromagnetismo, mas se orientam com o campo e, ao ser este retirado, voltam à desordem, ou os que simplesmente não se orientarão jamais. Não perca tempo com esses, pois não adquirirão ferro-magnetismo. A nossa tarefa é contar com os que podem se orientar, somente com eles. Orientar-nos e constituir um ímã permanente.

Esta comparação me per-



Cuba, manifestação de Primeiro de Maio.

mite por o proletariado no grupo de transição do Ferro (elementos suscetíveis a orientar-se), presumir que a temperatura são as diferenças naturais, as múltiplas correntes que nos separam, nossas infinitas bobices, por exemplo; a magnetização é a revolução que será decididamente permanente; e o campo externo o constituem, sem dúvida, os partidos políticos que impulsionarão a luta de classes.

E quando chegaremos a porto? O porto está nas estrelas. Alguém disse que os triunfos são somente um pretexto

para lubrificar os fuzis e seguir adiante. O Che não disse, mas o fez.

Em que sentido é permanente a revolução? Isto é por acaso um atracação daquele lutador que foi assassinado pelo stalinismo como tantos outros? Talvez uma maneira retórica de incapacitar o proletariado de tomar o poder, como muitos crêem? Vivemos nesta farsa por décadas. A revolução permanente não significa revolução simultânea. De fato, quem

dirigiu o Exército Vermelho em 1917 foi Leon Trotsky. Quem previu antes de todos a revolução proletária de Outubro foi Leon Trotsky. A revolução permanente é a única forma viável de se fazer a revolução socialista em escala internacional. E esta é a única escala na qual se torna possível o desenvolvimento do Socialismo que necessitamos, muito mais que aquela ilha perdida de São Tomás Moro.

Por três motivos é permanente a revolução socialista:

Primeiro: nos países atrasados, o caminho da democracia passa necessariamente pela

ditadura do proletariado e não ao contrário como se vinha pensando. *Segundo:* uma vez no poder, a sociedade, ao longo de um período indefinido, vai transformando-se. As múltiplas revoluções tais como as econômicas, as científicas, as educacionais, se desenvolvem de tal maneira que a revolução socialista nunca chega ao equilíbrio. *E terceiro:* é o seu caráter internacional. Ou seja, uma revolução socialista não termina com a ditadura do proletariado e não termina nas fronteiras nacionais. O conceito de revolução permanente que tanto lhe criticaram a Leon Trotsky, foi também um descobrimento científico, como o ferro-magnetismo e, sobretudo, um guia para a ação. Parece que essas palavras ficam mal na linguagem, ou ficam demasiado largas para o coração. A teoria da revolução permanente contem a escola de Lênin e o marxismo mais conseqüente. A minha revolução, a revolução cubana é um fio condutor sem precedentes, sem talvez conhecer a Leon Trotsky, foi rigorosa com estes preceitos. Desde Martí, passando por Julio Antonio, o Che e Fidel Castro! Lênin está vivo ainda na América. A nossa pátria leva hoje as bandeiras da revolução permanente nestes três aspectos. A batalha das idéias, onde não há fim pra nossos planos educacionais e culturais; o juramento de Baraguá, onde em meio das mais terríveis vicissitudes decidimos lutar contra o imperialismo até o fim, e na revolução bolivariana, onde milhares de médicos, professores, técnicos cubanos estão parti-

cipando como um pedaço desse povo. Nos destaca como um exemplo clássico de revolução permanente, que é permanente no tempo e no espaço. Isto encabeçado magistralmente por Fidel Castro. Tenha lido a Leon Trotsky ou não. Não é transcendente.

Em no capitalismo, que porto nos ofereciam todos os palhaços do fim da história para que ficássemos em casa como burrinhos olhando a televisão? Propunham o mais cru materialismo para construir não se sabe o quê. Não creio que este lamentável estado onde somos incapazes de sustentar o ar que respiramos, fosse na verdade uma proposição séria. Ainda não entendo quantas oportunidades mais vão ter que nos oferecer para compreender que o resultado destes conservadores é somente guerras, terrorismo e miséria.

Durará, seguramente, o tempo justo em que ativemos o campo magnético externo e iniciemos pouco a pouco a despertar o sonho a que nos condenou a crise das esquerdas (que apontava para baixo ou para cima, mas jamais para a esquerda).

Não há ponto médio, nem conciliação. Não, o socialismo não é inevitável, temos como alternativa a barbárie, como diziam Frederico Engels e Rosa Luxemburgo. E, socialismo, não a torpe caricatura que desenhou o stalinismo. Que sim, duro nada mais que 70 anos e o capitalismo tem centenas? Não, de jeito nenhum. Ainda não há explicação de como pôde durar tanto. A comparação não é válida; o imperialismo e suas maneiras econômicas de atuar não fabricaram o capitalismo num só país. Desde Colombo até a Coca Cola, souberam como é que se ganha a vida. O capitalismo até há pouco tempo foi coerente com a sua depravada missão.



O povo de Havana desfilava frente ao Escritório de Interesses dos Estados Unidos, contra o terrorismo e a política dos EUA de dar asilo a conhecidos terroristas internacionais como Luis Posada Carriles.

O socialismo tem sido um dos ideais mais estendidos pelo mundo. Apesar de seus fracassos e seus convertidos que andam falando nos congressos qualquer termo alambicado e não de revolução, de tomada de poder e de proletariado. Estes, que já se converteram em pura bazófia humana, como diz Ingenieros, vão desaparecendo de maneira silenciosa como termos do nosso dicionário político. E tudo é para “não nos comprometermos”. Para não comprometer-se com quem?

Recentemente, li um artigo imprescindível de James Petras sobre Venezuela e o referendo. O governo revolucionário do Presidente Chávez tem nada mais que ser fiel à única classe social que encheu as urnas até a entrada da madrugada daquele dia de 15 de agosto.

Disse Petras: “A realidade, o referendo se baseou principalmente numa clara divisão de classe e de raça. Líderes sindicais não vinculados à oposição indicaram que mais de 85% da classe trabalhadora e dos trabalhadores pobres votava pelo

presidente, ao mesmo tempo que os primeiros informes sobre a votação nas circunscrições e nos bairros ricos mostravam uma situação contrária numa porcentagem de 80%. Um processo semelhante de polarização de classes e raças era evidente na extraordinária assistência às urnas e na porcentagem de votação entre os afro-venezuelanos pobres: quanto mais alta era a assistência, maior era o voto favorável a Chavez (votou um 71% do eleitorado, cifra inaudita). Não há dúvida de que o presidente teve êxito na vinculação dos programas de assistência social e na identidade de classe no comportamento eleitoral”.

Então, está claro com quem temos compromisso na Venezuela. Digo, temos, pois é absurdo que o governo de Chávez seja o único responsável do que ocorre no país. Estamos todos conectados. O que ocorre no Panamá, na Colômbia, em Londres, na Austrália é responsabilidade de todos os revolucionários do mundo.

O internacionalismo não é

sentimento de bondade ou complacência misericordiosa. O internacionalismo é a única via que tem os partidos de fazer perdurar a revolução. E se não quisermos a revolução perdurável, dediquemo-nos a fabricar bandeiras de papel para o natal, mas não esperemos construir o socialismo. Não faltaram provas; já provamos demais.

Inclusive, digo mais: as aspirações da revolução francesa, a justiça social das social-democracias de esquerda e até o evangelho serão somente agora defendíveis a partir de posições de luta de classes. As molas misteriosas, de que falava Ingenieros, se estendem adequadamente, quando a luta mobilizadora é por um objetivo necessário. A utopia que necessitamos é aquela que nos permite comparecer ante a história com um Projeto. E o único projeto viável é a revolução socialista.

Nosso continente se abre como um espaço promissor. As palavras da possibilidade real de uma confederação so-

cialista neste região do mundo, como menciona o companheiro Zbigniew Marcin Kowalewski no brilhante trabalho apresentado neste evento, é uma realidade e é a realidade mais bela que podemos aspirar. Distantes, estão as fúrias que acozaram o Cone Sul com as ditaduras. Certamente, amanhã se cumpre um ano do massacre em Santiago do Chile. O Presidente Allende caiu como herói sob as garras do mais sanguinário terrorista que anda agora tratando de defender sua pele e seus milhões. Meus irmãos chilenos não tiveram a oportunidade de lançar uma guerra à Casa Branca por ter-se planejado aí um ataque terrorista; tiveram que tragar seus mortos, seus desaparecidos, suas canções de esperança. Há uns dias, outra cúmplice do terrorismo internacional libertou de maneira vergonhosa e cínica os assassinos de dezenas de compatriotas. A indecência da burguesia vai desbaratando qualquer disfarce permitido. Eles padecem da mentira, do egoísmo e da ânsia irracional do dinheiro que vai desbotando a Terra da sua imagem azul. São o mesmo Pinhochet, a Moscoso, a Casa Branca, o FMI, a OEA. Não se distinguem nem na cor do cabelo. Se unifica o inimigo. Fazemos nós isso! Eles não tem nada que oferecer a nossos povos. Nós, sim, conseguimos sair do colapso do socialismo europeu que não foi mais que sua perversão; temos a ilha da utopia como um sonho a alcançar. A luta por consígnas jacobinas tornam-se agora mais doces, mais coerentes e mais possíveis.

Temos experiências de sobra, camaradas, nos falta a unidade. Stalin, durante a segunda Guerra Mundial recrutou os companheiros soviéticos

Histórico triunfo eleitoral no Uruguai

O triunfo alcançado pela Frente Ampla Encontro Progressista – Nova Maioria no dia 31 de outubro de 2004, expressou a inevitabilidade da mudança de progresso decidido pela maioria da população. Esta, apoiando-se nas suas organizações sociais, sindicais, barriais, culturais, acabaram com o poder governamental de mais de 180 anos da burguesia do Uruguai.

O capitalismo inverteu toda a vida econômica-social do Uruguai: os de baixo produzem, pagam e financiam tudo; os de cima especulam, roubam tudo e não pagam nada. A síntese disso foi o roubo e o calote financeiro, onde por mais de 3 bilhões de dólares, o grande banco estrangeiro e o “nacional” enganaram a milhares de possuidores de poupanças e ao Estado. Como uma raposa no galinheiro, Bensiñ, o presidente dos Bancos passou a ser o Ministro da Economia para deixar o país nas mãos das finanças internacionais e mais individualidade que antes.

A rebelião social está baseada nos sindicatos. O país, dentro de um contexto geral de uma América Latina despojada e reprimida, sofreu enormemente o empobrecimento e o desemprego, com as privatizações, a desregulação e a flexibilidade na contratação do trabalho. As condições de vida estão rebaixadas a condições de morte: ocorrem dois suicídios por dia, sendo o terceiro país no consumo de psicofármacos. A taxa de natalidade é a mais baixa do continente e de abortos a mais alta. A mortalidade infantil é quase o triplo de Cuba com 46 anos de bloqueio. O níveis de violência e vandalismo são altíssimos. Se estendem a prostituição infantil, os

saqueios no campo, com-pras de cão para virar língua e alimento. Esta barbárie capitalista determinou um êxodo emigratório de um milhão de pessoas (500 mil somente aos EUA), sobretudo jovens, restando uma população maioritária de velhos.

A resposta social se expressa nas suas contínuas lutas operárias e populares. Há uma enorme quantidade de conflitos de trabalho e ao mesmo tempo uma enorme repressão sindical. Há paralisações gerais mensais, mas sem um plano unificador. Somente os plebiscitos têm contido as medidas neoliberais, principalmente as privatizações ditadas pelas “cartas de intenções” por empréstimos do BID, FMI e BM. Os plebiscitos na defesa da ANTEL, ANCAP e sobretudo pela Estatização das Águas (OSE), marcaram a consciência política na defesa da função social do Estado, por cima da burocratização, clientelismo e corrupção que a burguesia impôs, incluindo as abusivas tarifas que lhes serve para amortizar a Dívida Externa.

A conclusão que as massas adotaram era a necessidade inadiável de acabar com esta abusiva ditadura do partido cor de rosa, que é como a população chamava ao acordo governamental entre o Partido Colorado e o Partido Nacional.

Enquanto a capital de Montevideo manteve um apoio eleitoral de 61%, todo o interior aumentou de 40, 50 até 100%. Montevideo sofre um processo parecido ao de Porto Alegre. Assim como foi limitadíssimo o “orçamento participativo”, o de Montevideo não é na realidade decidido pela cidadania da capital, nem pelas mal convocadas assembléias das prefeituras; da mesma forma que os 19 Conselhos de Vizinhança não têm caráter resolutivo, perdendo a cada ano participação. Desde a eleição anterior de 1999, se buscou em Montevideo iniciar com reuniões nas “Casas Progressistas”, experiência que trata de resolver a repartição e separação dos Comitês de base da Frente Ampla. Em Paissandú, segunda cidade do país, a campanha eleitoral de outubro passado, se realizou em base às Casas Progressistas, que também estarão presentes para as municipais de maio.

A necessidade e a vontade de cumprir com o programa reivindicativo do governo de Tabaré Vázquez, determinou que se inicie a aplicação de um Plano de Emergência baseado não no assistencialismo, mas na garantia de alimento para 200 mil uruguaios que estão abaixo do limite de pobreza, baseado no trabalho comunitário, voluntário e anti-burocrático; e com uma participação significativa da mulher. Isso unido a uma política econômica e social produtiva e não especulativa.

Há uma diversidade de posições políticas, seja em relação ao Imposto de Renda de pessoa física, ao segredo bancário, ao redimensionamento do pagamento da



Tabaré Vázquez, o novo presidente do Uruguai, na manifestação de posse: a expectativa de transformações sociais na América Latina ganha um novo reforço.

Dívida Externa, à instalação de Auditorias, cuja intervenção implicaria no processamento e na prisão para um setor importante dos governos salientes, como colocou o senador Korseniak do PS.

A imediata intervenção do BID, BM e do FMI mostrou a preocupação internacional de sustentar esta praça financeira da lavagem do dinheiro, o contrabando, a droga e a especulação regional. Mas ao mesmo tempo, todos os futuros ministros de Tabaré Vázquez se reuniram com os diversos sindicatos de seus ramos, com o PIT-CNT. Um novo salto de participação de classe se concretizou com a sindicalização dos trabalhadores florestais, os policiais ativos e inativos ao PIT-CNIT.

Isto confirma o curso das mudanças de progresso que se darão baseado nos sindicatos como colocou J. Posadas. O dirigente do setor saúde, F. Amorena afirmou que os sindicatos serão independentes diante do governo de T. Vázquez, mas não indiferentes, e pressionarão por mudanças imediatas.

O próximo governo deverá resolver e intervir para resolver a grave crise do país, principalmente no campo da saúde, empobrecida pelo clientelismo, pela corrupção dos barões e multinacionais da medicina.

Deve abrir-se o debate entre profissionais, trabalhadores e usuários para impor um novo Sistema coordenado de saúde visando principalmente os pobres e a classe trabalhadora, sob o controle do Sindicato Médico, da FUS, FEUU, etc..

As propostas de Emergência e as bases programáticas deste buscam resolver vários problemas importantes, mas não basta ser governo, sem poder estatal e financeiro. A definição em positivo depende do progresso participativo das massas.

Os sindicatos expressam e contêm parte fundamental destas forças potenciais revolucionárias, mas sobre eles pesa a crise dos partidos de esquerda. Estes evitam a participação dos trabalhadores, e das agremiações sindicais com graves problemas como os bancários e têxteis que há anos não têm assembléias.



Tavaré Vazquez, o novo Presidente do Uruguai, cuja eleição tem um significado histórico para a esquerda no país.

Sem o exercício da democracia sindical, não há independência para exercer uma função transformadora anticapitalista.

O processo de mudanças e progresso no Uruguai tem além deste movimento sindical, um amadurecimento nas relações humanas que se expressam até mesmo nos grupos carnavalescos que manifestam uma inteligência e uma cultura sui generis.

Estes grupos integram nos seus cantos, argumentos desde a mitologia grega a Obdulio Varela grevista e campeão de futebol dos anos 50; dos grandes filósofos e utópicos até Che Guevara; das crianças, mães e velhinhas da Bela União aos heróis do Iraque; dos incas à ciência do socialista Einstein; dos heróis de Salsipuedes à Chaplin; de Hamlet ao general Seregni; de Artigas ao prato de comida que deverão ter todos com Tabaré presidente; dos negros es-cravos aos heróis republicanos de Madrid.

Enfim, desde a história humana até o mundo cósmico, passando pela luta operária ao não pagamento da dívida externa. Este é o novo carnaval dos uruguaios. É vida, povo, revolução, humanidade e socialismo. O capitalismo não conta. O que conta é a dignidade e a inteligência criativa.

Sendo assim, não se trata de uma representação, mas de uma expressão de consciência desse povo.

Os militares no Uruguai também estão aprendendo da vida de hoje. Enquanto fugiram para o Brasil, o assassino coronel Cordeiro e os seus cúmplices clandestinos, os jovens soldados rebelaram-se aos comandos dos “velhos”, aprendendo do exemplo de Chávez e organizando-se como corrente a favor do papel do Estado, contra os privilégios de casta. Os operários dos frigoríferos perderam o direito à carne. Os oficiais comparam isso aos soldados enviados aos ranchos como resultado dos privilégios dos generais que fizeram com que os quartéis não tivessem mais como alimentá-los. Parte dessa rebelião deve canalizar-se na formação do sindicato de soldados ativos e desativos. Muitas bases se estão estruturando no Uruguai para que avancem dentro e fora das instituições as conquistas sociais e econômicas necessárias para empurrar todos os outros processos na América Latina.

(*) Escrito antes de 01/03/05, data da posse de Tabaré Vázquez, com a presença de Chávez, Fidel, Lula e Kirchner, mais um ato para empurrar uma Frente Única ant imperialista na América Latina.

Continuação da página 07

com a frase patética da mãezinha Russa, para unir-se. Nós não necessitamos disso. Graças à internet, nossa luta pode ser mundial e unida.

Eu fundaria a Brigada da Solidariedade Internacional. Pois todos necessitamos de todos, como os átomos do meu material. Ainda não sei quem sofre mais; se meus filhos pelo bloqueio criminoso dos Estados Unidos, ou os filhos de um trabalhador norte-americano com a pestilência dos seus *videogames* aberrantes e pseudo-científicos.

Fidel disse em 1961: “Antes se verá uma revolução vitoriosa nos Estados Unidos, que uma contra-revolução vitoriosa em Cuba”. Aquele Fidel é o mesmo que ditou em meio à fome desenhada a quatro mãos pelo imperialismo e pelos herdeiros de Stalin: Socialismo ou Morte, consigna que todos os comunistas do mundo devíamos assumir.

Sem dúvidas, mas essa revolução nos Estados Unidos deverá ser socialista. Michel Moore acaba de renunciar a sua nomeação ao Oscar para poder exibir o seu documentário Fahrenheit 9-11 na televisão norte-americana. Quem são as vítimas do terrorismo, os iraquianos ou os norte-americanos que, segunda suas cifras, somam 1.000 mortos?

“Os golpes repentinos revelam as entranhas das coisas”, disse José Martí. E isso ocorreu naquele 11 de setembro de 2001. Os acontecimentos em Nova York são os mesmos que ocorrem na Palestina, ou que ocorreram em Buenos Aires em um dezembro, ou Madrid, ou Moscou, ou Chechenia.

Por qualquer extremo se desborda o mundo e ainda nos sentamos a esperar tradutores da verdade.

José Martí foi um lutador de classes. Já cansa ordenar o mundo pelas frases que se tenham dito e obviar de maneira desconsiderada a verdade dos fatos. Dizer que José Martí foi um pequeno-burguês democrata que lutou pela independência da Ilha de Cuba, e inclusive um latino-americanista, é equivalente a dizer que o mar existe para conter o sal da nossa pasta um bom domingo.

Martí fundou um partido essencialmente de trabalhadores, o mais radical partido revolucionário desse instante e lugar. Não foram em vão os ensinamentos da guerra anterior. Revolução era sua palavra sistemática; a independência de Cuba foi um mero trâmite para opor-se ao inimigo de classe, ao qual foi o primeiro a notar. Ser cubano foi um detalhe de nascimento; terminou seus dias lutando pelo equilíbrio do mundo. Seu defeito foi morrer cedo demais (é uma epidemia dos revolucionários).

Ao falar de Carlos Marx, em 1883 à raiz de sua morte assinalou:

“Karl Marx morreu. Como se pôs ao lado dos débeis, merece ser honrado. Mas não faz bem quem indica o dano e arde em ânsia generosa de pôr-lhe remédio, mas sim quem indica o remédio suave para o dano. Espanta a tarefa pôr os homens sobre outros.”

Uma xícara de café teria bastado para que estes dois gênios se pusessem de acordo. Marx propôs exatamente isso: “o único remédio ao dano”. E José Martí fez isso: “Por uns homens sobre outros”.

Aos comunistas nos urge unir-nos verdadeiramente e não em salas e congressos somente, mas nas marchas populares, nas batidas das panelas, no

Iraque, na Palestina. Os comunistas devemos levar o impulso do povo em cada batalha contra as injustiças do inimigo. Uma por uma e em todas de uma vez.

Os partidos políticos deveriam atuar como o campo magnético externo orientador dos spins dos átomos. Trotsky disse: “Somente estudando os processos políticos sobre as próprias massas, se consegue compreender o papel dos partidos e os caudilhos que em modo algum queremos negar. São um elemento, senão independente, muito importante deste processo.

Sem uma organização dirigente, a energia das massas se dissiparia, como se dissipa o vapor no conteúdo da caldeira. Mas, seja como fosse, o que impulsiona o movimento não é a caldeira, nem o pistão, mas o vapor”.

E digo mais: necessitamos de um só Partido Comunista no Mundo “Com todos e para o bem de todos”, como dizia Martí. Espero não morrer sem vê-lo.

Depois de tanto empacotamento, nossas diferenças são mínimas em relação ao que de verdade nos diferencia do inimigo. Se fizéssemos um parlamento com nossos mortos, todos indicariam o mesmo caminho.

Projetemos o trabalho com força e otimismo. Temos as melhores armas. A eles só lhes resta o desperdício humano: a guerra estúpida, a incultura, a corrupção e o terrorismo. A nós, o sonho da revolução.

Adiante camaradas!
Socialismo ou Morte!

(*) Exposição feita na oficina: “A utopia que necessitamos” propiciada pela Cátedra Bolívar. (**) Célia Hart, intelectual e militante do PC Cubano.

O papel dos militares nesta etapa histórica. (Extratos)

J. Posadas Outubro de 1968

Há situações nas quais o exército intervém substituindo as funções normais dos partidos e do parlamento. Quando isso ocorre, ou seja, quando ele intervém para substituir o parlamento e o partido burguês é porque este não tem a força social e política para se manter. O exército se corrói, porque ao mesmo tempo que sustenta o capitalismo, lhe conferem atributos para os quais não está organizado. Além disso, essa não é a sua função histórica concreta. Quando intervém politicamente, inevitavelmente ele se decompõe, se desintegra interiormente, porque uma parte do exército recebe influências que são antagônicas à função que o obrigaram a cumprir, e dessa maneira desenvolvem-se tendências que voltam-se contra o capitalismo. Isso é inevitável.

Nos países capitalistas desenvolvidos o exército intervém com muita segurança, porque não possui alas vinculadas à expectativa de desenvolvimento do capitalismo, como nos chamados “países semi-coloniais”. Nos países capitalistas centrais como Alemanha, França e outros, o exército intervém diretamente e é reacionário. Ao passo que nos “semi-coloniais” como na América Latina o exército sente a possibilidade de um desenvolvimento econômico. Alas da burguesia o alentam, defendendo o mercado interno. Essas são as tendências nacionalistas que



Hugo Chávez

efetivamente vêm que há possibilidades de desenvolvimento do comércio e do mercado interno.

A defesa do mercado interno já não é capitalista. Toda medida que se dirige a impulsionar o mercado interno se apóia inevitavelmente em outras medidas que vão contra o sistema capitalista. Porque em 1968, medidas como estatizar propriedades, expropriar o imperialismo, como no Peru, vão contra o sistema capitalista, estimulam diretamente medidas anti-capitalistas. Mesmo que os militares regulamentem estas medidas e jurem dizendo, como fizeram os militares peruanos, que “é uma exceção, que não é um princípio”. Eis

que de repente surgem outras alas que dizem: “agora expropriemos a mina de Cerro Del Pasco”. Eles tentaram regulamentar a reação do povo que, ao ter uma boa noção da história, não tem respeitado os regulamentos.

Uma parte do exército que intervém e vai percebendo que o capitalismo se decompõe, inclinando-se para a busca de soluções, já não tem confiança no sistema capitalista. Foi o que nós colocamos no artigo sobre o general Cândido López, da Argentina, no qual dissemos que não havia que considerá-lo um mero militar que quer salvar o capitalismo. Dizíamos que López era uma expressão da decepção de camadas mi-

litares com o sistema capitalista. É um indivíduo que vem diretamente do alto comando do sistema capitalista, que era instrutor político dos futuros oficiais e chefes do exército, dos formadores de elementos defensores do sistema capitalista. Quando ele se decide a tomar medidas que vão contra isso é porque a estas alturas a decepção e a consciência pesam.

A crise do capitalismo leva uma parte do exército a ter sentimentos de decepção, de pessimismo. Setores militares percebem que o capitalismo não tem força e constatarem que estão exercendo uma função para a qual não estavam preparados. São situações diferentes dos países capitalistas desenvolvi-

dos, onde os exércitos são estruturados e têm uma maior preparação militar, econômica e uma origem social muito mais dependente do capitalismo. Nos países semi-coloniais uma parte do exército é mais acessível a ser ganha pela revolução.

Em praticamente todas partes do mundo, uma parte do exército pode ser ganha à medida que a revolução avança, mas sobretudo nesses países semi-coloniais. Por isso, quase todos os golpes nacionalistas nesses países foram dado pelo exército. Não porque o exército seja uma exceção, mas porque as forças da revolução impulsionam e ao não encontrar um canal para se expressar, utilizam o exército; apóiam-se nessa condição histórica do exército porque uma parte dos militares não tem uma origem aristocrática, nem burguesa.

Além disso, da mesma forma que a pequena-burguesia se radicaliza, também uma parte do exército se radicaliza ao não ver soluções para os problemas sociais dentro do sistema capitalista. Mesmo de forma desordenada e empírica, os militares percebem o progresso de países socialistas como a China e Cuba.

A simples existência de Cuba, como dissemos infindade de vezes nos textos, é um constante estímulo ao progresso da revolução, porque demonstra como um pequeno país, em menos de dez anos de

revolução e partindo das condições mais atrasadas do mundo, alcança tal progresso econômico, através do qual eliminou uma boa parte da dívida externa, eliminou a fome, o desemprego, a miséria. Cuba é um país onde não existe a fome, onde foi eliminado o analfabetismo e as pessoas se alimentam decentemente. Isso é visível e palpável. E o militar que é de carreira, ou que escolheu ser militar por profissão, pode ser influenciado.

Na América Latina, existe uma quantidade enorme dessas tendências militares. Isso explica os golpes que existem e que não são simplesmente alas democrático-burguesas que buscam desenvolver o mercado interno. Ao pretenderem este desenvolvimento, abrem-se à influência da revolução, o que termina sendo predominante. É por isso que a bur-

guesia perdeu uma quantidade enorme de intelectuais.

No caso do exército, a quantidade de oficiais que são ganhos é bem menor, porque a profissão lhes impõe uma rigidez mental que os faz submeter-se às forças organizadas pelo capitalismo, à esquizofrenia, ao esclerosamento decorrente da disciplina capitalista, tirando-lhes a vontade e a capacidade de ação individual. Mas, quando apesar de tudo isso os golpes militares ocorrem tão constantemente, está indicando que a revolução é mais poderosa que essa automatização que o capitalismo lhes impõe. É verdade que essa mecanização transforma a mente e a vontade. Mas, a revolução é mais poderosa que tudo isso. Por isso, ao mesmo tempo que ela ganha intelectuais, físicos, técnicos capitalistas, ganha também militares.

Continuação da capa - A derrota da política de conciliação de classe

O elemento que mais enfraqueceu José Dirceu não foram as suspeitas de irregularidades na costura das alianças e o respectivo “custeio”: na realidade, foi o isolamento do poder, o abandono do funcionamento democrático do Partido, o afastamento dos movimentos populares, a insensibilidade quanto ao enorme atraso no cumprimento das agendas sociais. A obsessão pelo êxito no terreno econômico e a prostração frente ao modelo neoliberal que não foi alterado na sua substância, conduziram a equipe de governo a este beco sem saída: mesmo criticando em tese tal política, José Dirceu não foi capaz de influenciar a equipe de governo para a sua mudança.

Habitado como estava a resolver tudo na conciliação de classes, foi vítima da pressão das elites, que não admitem alterações substanciais na esfera do poder real, aquele das multinacionais, dos banqueiros, da oligarquia

agrária do agronegócio, das altas finanças.

Aquí não há lugar para condenações morais: é a visão política da alta direção do PT que deve mudar, antes que outros desastres aconteçam.

Lula inquestionavelmente está enfraquecido, e tende a ceder às pressões dos “aliados”, e até mesmo da oposição, mancomunados pela fé neoliberal. A conciliadora “equipe econômica” do PT levou a melhor, alentada pelos ilusórios logros da macroeconomia e da “estabilidade”.

José Dirceu terá, ao voltar à atuação parlamentar e, eventualmente, à liderança do PT, a última chance de demonstrar o que afirmou há alguns anos, frente a uma platéia de petistas descontentes por sua insistência em impor ao partido alianças no mínimo perigosas (como acaba de ocorrer): “Jamais iremos ao governo para fazer a política “dos outros”. Talvez esta seja a última chance de mudar a política econômica e iniciar as transformações sociais.

Continuação da página 12



Com Ahmadinejad, Irã intervêm com força no cenário do Oriente Médio

imposto pelos EUA – N.T.), todos eles pressionando também por mudanças na Síria. Do lado oposto, Putin, presidente da Rússia, declara que vai continuar com a colaboração com o Irã no campo nuclear e rechaça as ameaças dos Estados Unidos.

O novo presidente toma posse e pode esperar sabotagens, greves brancas,

O fato é que houve muita festa nas praças de Teherã, em particular nas proximidades da casa do ex-Prefeito e agora presidente eleito.

Pode-se imaginar a alegria da população, e o rancor e sentimento de derrota dos adversários. A rádio dos Estados Unidos em língua persa ressaltava o caráter de classe das eleições, naturalmente, em apoio às mais abastadas.

Por enquanto, Khamenei, o presidente ainda no cargo, faz chamados à calma e à fraternidade entre todos. A verdade da luta social e de classes e a necessidade de urgentes transformações,

porém, impõem-se, e aqui residem as reais dificuldades frente às quais, os caminhos percorridos até o momento perderão consistência.

Ahmadinejad é favorável aos investimentos, mas somente aqueles produtivos. Isto já é uma revolução. Quer livrar o setor petrolífero da influência das famílias e das etnias que se haviam apoderado do mesmo, e utilizar os benefícios do petróleo para levar alimentos à mesa das famílias, e esta é uma outra revolução.

Como fará para limpar a enorme e parasitária máquina estatal que lhe é hostil? Em dois anos o agora presidente, havia conseguido limpar o aparelho burocrático e corrupto do município da Capital, substituindo os velhos – e corruptos – funcionários por quadros jovens, que, embora não tivessem a maturidade necessária para mover-se entre tantos astutos e ladrões, rapidamente haviam aprendido a dirigir a máquina. Palavras de Ahmadinejad.

Neste momento seria útil transmitir-lhes a experiência venezuelana, e mostrar como conseguiram limpar a máquina estatal e substituir toda a alta

direção da indústria petrolífera, prevenindo as sabotagens e boicotes. E há muito que prevenir! O novo presidente toma posse somente dentro de 37 dias, que são extremamente perigosos. Pode-se esperar sabotagens, greves brancas, etc.

Num meu artigo precedente, publicado no jornal Hamshahri, da Prefeitura de Teherã, havia advertido que no caso de vitória, não seria surpreendente que ocorresse uma fuga de capitais. Afirmava que seria necessário tomar medidas radicais como a mudança da moeda.

Na estrutura atual, a primeira coisa a ser feita seria mudar a direção do Banco Central, introduzindo transparência no sistema bancário, na diplomacia, etc. Sugeriria não uma nomeação imediata de ministros, mas a criação de um governo provisório, com a participação das organizações de trabalhadores urbanos e rurais, funcionários, médicos, professores, etc., para que, por meio de congressos extraordinários, apresentassem os próprios candidatos aos ministérios, com um funcionamento e sob controle das bases. Pois o novo presidente acaba de declarar que pretende seguir este caminho.

A primeira coisa a ser feita seria mudar a direção do Banco central

Veremos como será a sua anunciada “terceira revolução”. Novamente o Irã intervêm com força no cenário do Oriente Médio, dos países árabes e entorno, colocando em dificuldade inclusive os estados capitalistas europeus que já tinham um pé dentro do País.

Eleições no Irã: vitória das massas empobrecidas, derrota do imperialismo e dos neoliberais

APRESENTAÇÃO

As eleições no Irã realizadas no dia 24 de junho, conduziram a uma clara vitória de Mahmoud Ahmadinejad.

Havia dois candidatos no segundo turno: Rafsanjani propunha a continuação das privatizações, dos investimentos externos e o restabelecimento das relações diplomático-políticas com os EUA, e representava o grande capital interno e internacional. A maioria dos votos do exterior foram para ele. Em Teerã onde Rafsanjani entrevistou com uma poderosa máquina eleitoral, participaram somente 52% dos votantes, enquanto o total no país foi de 68%.

Apesar de tudo isso, como mostra o artigo do nosso correspondente, triunfou Ahmadinejad. Ele provém de uma pequena cidade, originário de uma família popular, jovem e extremamente operativo. Em um ano limpou o aparato corrupto da prefeitura de Teerã com 12 milhões de habitantes. Ele é contra a continuação das privatizações e a venda das propriedades do Estado, por uma política de participação das cooperativas populares. Propõe a planificação centralizada da economia e da sua aplicação descentralizada, do controle das cúpulas por parte das organizações sociais, e fala da terceira revolução iraniana.

Portanto, trata-se de algo completamente diverso do que afirma a mídia dominada pelo imperialismo, em particular a do Brasil, de que se trata da vitória de um “conservador” e até mesmo “fascista”. Esta análise ajuda a compreender melhor os fatos e porque esta vitória é favorável à esquerda e à luta contra o imperialismo no mundo e na América Latina.



Foto: NYTimes.

Criança olha pela janela do Comitê eleitoral de Ahmenajaadi, que mesmo tendo pouquíssimos recursos, conta com o apoio dos populares.

Mahmoud Ahmadinejad obteve uma vitória esmagadora impedindo assim quaisquer manobras ou fraudes, que já estavam preparadas contra ele. Dos 46 milhões de eleitores com direito a voto, votaram 27.959.253: 17.248.782 (62%) por Ahmadinejad e 10.467.101 (36%) por Rafsanjani. Os votos nulos foram somente 66.770.

Foi preparado um cenário para a anulação das eleições e para semear pânico e confusão

O jornal Kayhan denuncia as tentativas feitas na ainda na sexta-feira, dia das eleições, do Ministério do Interior e do ministro em pessoa, de interromper as atividades em diversas seções eleitorais da Capital,

sob o pretexto de “intervenções de estranhos” a favor de um dos candidatos.

Na realidade, todo o controle do processo eleitoral sempre esteve nas mãos do próprio ministro Kargozaran, que é do partido de Rafsanjani, apoiado pelos empresários e pelo Mosharekat (Participação), partido dos neoliberais radicais, além da presença de vários outros ministros nas seções eleitorais de diversas localidades-chave.

O jornal Shargh (Oriente), partidário de Rafsanjani, que é o órgão da contra-revolução e difunde notícias falsas e alarmistas promovendo histeria e pânico contra o perigo de um suposto “fascismo” e “obscurantismo”, previa, na quinta-feira, a vitória de Rafsanjani com 54,5% dos votos. Afirmava o jornal que se o resultado não fosse este, isto indicaria fraude eleitoral por parte do seu adversário.

Foi preparado um cenário para a anulação das eleições e para semear pânico e confusão. A sabotagem preparada pelo próprio Ministério do Interior durou pouco mais de uma hora, e foi desmascarada pelo Conselho dos Guardiães, que tem o poder legal de fechar seções eleitorais e de denunciar o próprio ministro. Como afirmaram diversos representantes dos fundamentalistas, a enorme diferença de votos eliminou qualquer possibilidade de fraude e boicote. O jornal da “Casa dos Operários”, num excesso de confiança, já na quinta-feira cumprimentava “sua majestade” Rafsanjani pela “vitória” eleitoral. O resultado, como se viu, foi muito diferente.

Uma das maiores empresas japonesas havia apostado (e financiado) abertamente, a campanha eleitoral de Rafsanjani. Os europeus, na conclusão da sua reunião de quinta-feira,

solicitaram ao Irã a manutenção da suspensão do enriquecimento do urânio, numa velada ameaça.

Os Estados Unidos, enquanto isso, novamente advertiam o Irã para não dar continuidade às atividades nucleares, exercendo uma enorme e contínua pressão para o boicote ao voto, em todos os lados e por todos os meios.

A sabotagem preparada pelo próprio Ministério do Interior durou pouco mais de uma hora

Todo este processo de pressões ganha velocidade: Jacques Chirac lança-se contra o Líbano, os europeus voltam a reunir-se com os bandidos iraqueanos (o governo títere

Continua na página 11